

# DESVALORIZAÇÃO NÃO ESTANCA FUGA DE DÓLARES

## MAIS DE US\$ 300 MILHÕES DAS RESERVAS DEIXARAM O PAÍS

Cotação do dólar diante do real

1,2083 1,2078 1,2085 1,2090 1,2101 1,2104 1,2109

30/dez

4/jan

5/jan

6/jan

7/jan

8/jan

11/jan

12/jan

13/jan

14/jan

15/jan

18/jan

19/jan

20/jan

1,3193

1,3194

1,4659

1,5384

1,5558

1,5735

Ricardo Leopoldo  
Da equipe do Correio

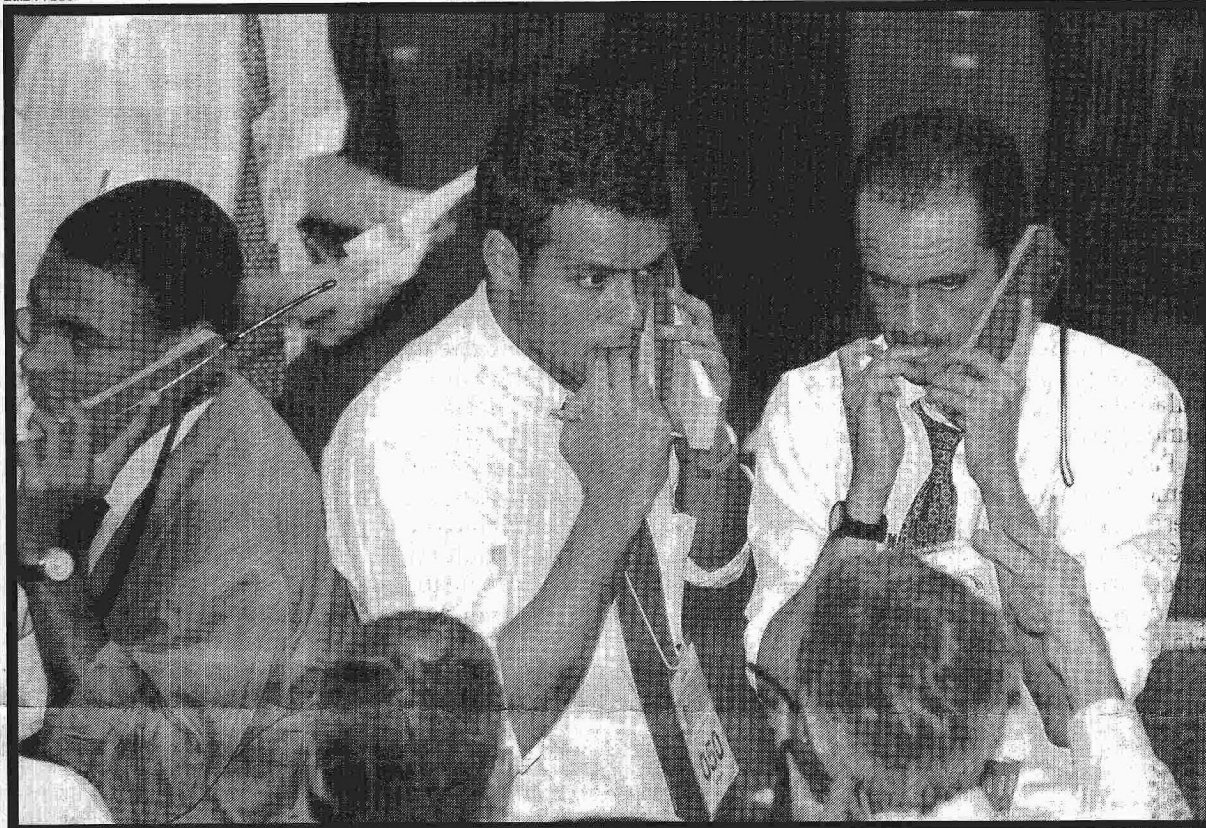
**S**ão Paulo — Otimistas com as boas chances de aprovação da contribuição previdenciária dos aposentados e pensionistas, os investidores promoveram uma alta de 3,97% da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa, com movimento de R\$ 655 milhões. A Bolsa do Rio de Janeiro não operou ontem, devido ao feriado. As variações da cotação do real em relação ao dólar comercial estão diminuindo, mas subiram 0,99%. A moeda, para venda, oscilou entre R\$ 1,56 e R\$ 1,59. A fuga de reservas internacionais, até às 20 horas, ficou em US\$ 338 milhões, sinal de que há aplicadores temendo mais desvalorizações.

Durante todo o dia, administradores de fundos e operadores estavam atentos às informações que vinham de Brasília, especialmente da Câmara dos Deputados. Logo cedo, notícias vindas do Congresso indicavam que o governo venceria, o que fez o pregão da Bovespa permanecer todo o dia em alta. A variação mínima foi de 0,51% e a máxima bateu nos 4,62%. "O entusiasmo com a perspectiva de vitória do governo trouxe muitos compradores de ações", comentou Nicolas Balafas, diretor de renda variável do Banco Nacional de Paris.

O sucesso do governo atenuou as oscilações da cotação do real frente ao dólar. Houve pouca procura da moeda norte-americana, o que diminuiu a desvalorização do real, que acumula uma queda de 29,89% desde o dia 12, véspera da demissão de Gustavo Franco da presidência do Banco Central.

Para conter a sangria de divisas, o BC elevou de 32% para 32,5% a taxa selic, que baliza os negócios do mercado financeiro, inclusive a compra de títulos públicos. Com o aumento, o governo tenta atacar dois problemas: pretende reduzir a fuga de dólares, pois paga mais para quem compra papéis federais, e controla a subida da inflação. Ao desvalorizar o

Luiz Prado



Operadores e administradores de fundo da Bovespa passaram o dia atentos às notícias que chegavam do Congresso

câmbio, o BC tornou mais caras as importações. As fábricas, que produzem bens com matérias primas e componentes comprados no exterior, repassam a despesa extra à população ao vender suas mercadorias.

Os investidores, contudo, se mostraram céticos quanto a velocidade da queda de juros. O Fundo Monetário Internacional (FMI) pediu para o Brasil elevar as taxas. No mercado, circulava o boato de que o FMI teria sugerido que elas pulassem de 36% para 60% ao ano. O governo elevou a cotação para 41%, mas parece inclinado a elevá-las para diminuir o apetite de especuladores interessados em comprar dólares para lucrar com eventuais depreciações do real.

Um diálogo do presidente do Banco Central, Francisco Lopes, com consultores financeiros ajudou a aliviar o temor dos investidores no mercado de juros. O dirigente do BC teria dito na conversa reservada que, se for necessário, elevaria as taxas

para 50% ao ano ou mais para controlar a fuga de reservas. "Este tipo de comentário foi analisado com atenção pelo mercado", comentou um administrador de fundos de um banco estrangeiro. "Significa que o governo vê que a saída de dólares continua desconfortável e está disposto a usar os juros em doses cavalares para conter a sangria cambial".

### SUBIDA

Os reflexos dessas incertezas foram refletidas nos índices futuros: os juros para fevereiro subiram de 39,03% para 40,78%. Para março, as taxas pularam de 39,86% para 42,06% e de 37,27% para 40,37% em abril.

Os títulos da dívida externa tiveram desempenhos estáveis. O C-bond, o papel mais negociado por países desenvolvidos, fechou com 59% do valor de face, uma subida de 0,69%. O IDU, que vence em um ano, caiu 0,63%, e acabou o dia cotado a

86,70% em relação ao valor nominal. Ao conseguir uma receita de R\$ 4,2 bilhões com a aprovação da contribuição de pensionistas e inativos, o governo terá mais chances de reduzir as pressões de saída de dólares.

Para especialistas como Pedro Tomasoni, chefe de operações em renda variável do Lloyds Bank, a vitória poderá reduzir as expectativas conservadoras dos investidores, que estão sendo representadas, por exemplo, nos juros futuros. "É importante que o governo aprove estas medidas para o equilíbrio das contas públicas", disse. Como as desvalorizações de 30% do real frente ao dólar, aumentará os gastos públicos com títulos indexados à variação do câmbio, o mercado também aguarda uma renegociação das metas fiscais assumidas pelo governo com o FMI. "Um acordo a bom termo com o Fundo ajudará no fortalecimento da credibilidade internacional do Brasil", acrescentou Tomasoni.